

**APRESENTAÇÃO DAS TRADUÇÕES**  
**MÚSICA, LINGUAGEM E NAÇÃO**  
**APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS *A ORIGEM DA MELODIA* E**  
***SOBRE A ELOQUÊNCIA* DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU\***

Evaldo Becker<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo serve como apresentação à nossa tradução de dois textos de Rousseau. Os textos possuem tamanhos e importância díspares, mas ambos podem nos auxiliar na compreensão da temática que liga a questão da linguagem e das línguas à questão da moral e da política na obra do ‘cidadão de Genebra’. O primeiro escrito a ser apresentado é: *A origem da melodia*. Trata-se de um primeiro esboço daquele que virá a ser intitulado *Ensaio sobre a origem das línguas*. Já o segundo texto, intitula-se: *Sobre a eloquência*, e faz parte do conjunto de escritos agrupados sob o título *Mélanges de Littérature et de Morale*, no Tomo II das obras completas de Rousseau, edição da Pléiade.

Palavras-chave: Rousseau – linguagem – eloquência – política.

Nossa intenção ao traduzir os dois textos que ora apresentamos, foi de disponibilizar ao leitor brasileiro, escritos de Rousseau que tratam da questão da linguagem e da música em uma estreita vinculação com a questão dos costumes e da moral. Os textos possuem tamanhos e importância díspares, mas ambos podem nos auxiliar na compreensão da temática que liga a questão da linguagem e das línguas à questão da moral e da política na obra do ‘cidadão de Genebra’.

O primeiro escrito a ser apresentado é: *A origem da melodia*. Trata-se de um primeiro esboço daquele que virá a ser intitulado *Ensaio sobre a origem das línguas*. Bem antes de ter acabado de escrever o *Ensaio sobre a origem das línguas*, Rousseau havia desenvolvido em *L’Origine de la mélodie*, e também no chamado *Principe de la mélodie ou réponse aux erreurs de M. Rameau sur la Musique*, escritos provavelmente no ano de 1755<sup>2</sup>, sua defesa da melodia em contraposição aos escritos de Rameau que argumentavam em favor da harmonia. Conforme

---

\* Aproveito a oportunidade para agradecer ao Osmar de Souza Medeiros, colega do Grupo Rousseau da USP, pela leitura e pelas dicas de tradução de passagens complicadas dos textos ora traduzidos.

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Filosofia – USP. Professor da UFS – Universidade Federal de Sergipe. A presente tradução foi realizada como parte das pesquisas de pós-doutorado realizadas entre 2008 e 2009, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria das Graças de Souza, e foi financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

<sup>2</sup> Cf. TROUSSON & HEIGELDINGER, *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*, p. 673.

afirma Bernard Gagnebin na introdução aos *Escritos sobre a música, a língua e o teatro*, presente no volume V das *Œuvres complètes* de Rousseau da edição da Pléiade: “Com ‘A origem da melodia’, Rousseau opõe o artifício ao natural. Enquanto que a melodia ou o canto é uma pura obra da natureza, a harmonia em revanche é ‘uma pura produção da arte’.”<sup>3</sup>

É o que fica claro em passagens como esta, onde Rousseau ressalta o papel da melodia no surgimento das línguas:

A melodia, nascendo com a língua, se enriquece, por assim dizer, da pobreza desta. Quando possuíamos apenas poucas palavras para fornecer muitas ideias, era preciso necessariamente dar diversos sentidos a estas palavras, compô-las de diversas maneiras, dar-lhes diversas acepções que somente o tom distinguia, empregar torneios figurados, e como a dificuldade de se fazer entender permitia dizer coisas interessantes, dizia-se com fogo e por isso mesmo dizia-se com dificuldade; o calor, o acento, o gesto, tudo animava os discursos que era preciso mais fazer sentir do que entender. É assim que a eloquência precede o raciocínio e que os homens foram oradores e poetas muito tempo antes de serem filósofos.<sup>4</sup>

Ressaltam-se aí as dificuldades e a importância dessa língua primeira, que, sendo arrancada pelas paixões e usada para fins de convencimento sobre temas cruciais para essas sociedades nascentes, era plena de paixão. “O acento patético” animava tudo, “porque, só dizendo coisas importantes e necessárias, não se dizia nada que não fosse com interesse e calor”.<sup>5</sup> No capítulo IV do *Ensaio sobre a origem das línguas*, ao tratar dos caracteres distintivos da primeira língua, Rousseau irá novamente ressaltar o caráter naturalmente patético da linguagem, onde língua e canto andavam juntos. Vejamos:

Como as vozes naturais são inarticuladas, as palavras possuiriam poucas articulações; algumas consoantes interpostas, destruindo o hiato das vogais, bastariam para torná-las correntes e fáceis de pronunciar. Em compensação, os sons seriam muito variados, a diversidade dos acentos multiplicaria as vozes; a quantidade, o ritmo constituiriam novas fontes de combinações, de modo que as vozes, os sons, o acento, o número, que são da natureza, deixando às articulações que são convenções bem pouco a fazer, cantar-se-ia em lugar de falar. A maioria dos radicais seriam sons imitativos quer do acento das paixões, quer do efeito dos objetos sensíveis – a onomatopeia, nesse caso, apresentar-se-ia continuamente.<sup>6</sup>

Para Rousseau, ‘o natural’ está sempre ligado à simplicidade, aos sons inarticulados, imitativos da fauna de cada região, por isso, ‘figurado’, impreciso e acentuado. Enquanto que

---

<sup>3</sup> Cf. GAGNEBIN, *Introduction aux Ecrits sur la musique, la langue et le théâtre*, p. XIX.

<sup>4</sup> ROUSSEAU, *L'origine de la mélodie*. OC, V, p. 333.

<sup>5</sup> ROUSSEAU, *L'origine de la mélodie*. OC, V, p. 334.

<sup>6</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 383.

a articulação será símbolo da convenção, do raciocínio e do artifício. Artifício e raciocínio, que em seu entender, não podem ter lugar nos primórdios da linguagem.

Esta língua primeira, segundo o autor, teria sentenças em lugar de arrazoados, “persuadiria sem convencer e descreveria sem raciocinar”.<sup>7</sup> Toda sua força residiria em sua energia e em seu acento, essa mescla de poesia e música constituiria os discursos das sociedades nascentes. “Foram em verso as primeiras histórias, as primeiras arengas, as primeiras leis. Encontrou-se a poesia antes da prosa, e haveria de assim suceder, pois as paixões falaram antes da razão”.<sup>8</sup> A mesma coisa teria acontecido com a música, marcada pelo acento naturalmente melodioso,

a princípio não houve outra música além da melodia, nem outra melodia que não o som variado da palavra; os acentos formavam o canto, e as quantidades, a medida; falava-se tanto pelos sons e pelo ritmo quanto pelas articulações e pelas vozes.<sup>9</sup>

O que se percebe na obra rousseauiana é uma intensa relação entre as línguas, a música ou o acento, e a eloquência política ou a capacidade de motivar ações públicas através da linguagem, sobretudo da língua falada. No *Ensaio* Rousseau estabelece desde o início, principalmente nos capítulos III e IV, intensas relações entre a linguagem original motivada pelas paixões, carregada de sentimento e sonoridade, e a própria aproximação rumo à sociabilidade; e novamente, a partir do capítulo XII até o XIX, retoma suas investigações musicais que raramente não são vinculadas aos costumes, à moral e à política.

Ao afirmar ser a palavra a primeira instituição social, e ao atribuir seu caráter às condições locais, em que o ‘lugar’ interfere de forma determinante em sua construção, Rousseau explicará a diversidade das línguas encontradas de forma a corroborar a ideia da inexistência de uma língua original articulada, nos moldes da língua adâmica, por exemplo. Segundo ele, mesmo depois de séculos de modificações e de aproximações, as línguas particulares guardariam ainda alguns caracteres originais que lembrariam as condições nas quais foram forjadas.

Bento Prado em *Jean-Jacques Rousseau entre as flores e as palavras*, lembra que o autor do *Ensaio sobre a origem das línguas* “se recusa a deduzir a linguagem de uma espécie de sociabilidade muda, à maneira de Condillac”, e que “sendo a primeira instituição social e não podendo assim mergulhar suas ‘raízes’ no solo do social, a língua deve enraizar-se diretamente na natureza”, de maneira que “nenhuma análise puramente ‘interna’ poderia dar conta da estrutura de uma língua”.<sup>10</sup> Esta terá sua construção e desenvolvimento, profundamente marcados pelo aspecto geográfico e climático que a envolve. Sem esquecer a influência da fauna de cada região, que ajudará os homens a formarem as onomatopeias que estarão na base das diversas línguas particulares.

---

<sup>7</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 383.

<sup>8</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 410.

<sup>9</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 411.

<sup>10</sup> PRADO JR., “Jean-Jacques Rousseau entre as flores e as palavras”, p. 26.

É o que percebemos nesta passagem de *L'origine de la melodie*, onde Rousseau afirma que:

Nós ignoramos tão perfeitamente o estado natural do homem que não sabemos nem mesmo se existe algum tipo de grito que lhe seja próprio; em compensação, nós o conhecemos como um animal imitador que não tarda a se apropriar de todas as faculdades que ele pode tirar dos exemplos dos outros animais. Ele pôde então, de início, imitar os gritos daqueles que o cercam, e segundo as diversas espécies que habitam cada rincão (*contrée*), os homens, antes mesmo de possuírem línguas, puderam ter gritos diferentes de um país para o outro.<sup>11</sup>

Defender esta diversidade originária das línguas, equivale a afirmar, contra Diderot por exemplo, que inexistente uma língua original articulada. Equivale a negar a existência de uma ‘sociedade geral do gênero humano’. Rousseau afirmará que é justamente a ausência de uma língua universal que evidencia o caráter puramente abstrato da noção de “gênero humano”. Ele defenderá a ideia segundo a qual as línguas exprimem as peculiaridades distintivas dos povos e de suas maneiras de conduzir sua vida em comum, e desde o princípio evidenciam a pluralidade das formações sociais e de seus modos de vida. Na concepção de Rousseau as línguas são produtos peculiares das diversas formas de sociabilidade humana.

Esta linguagem original que era pura transparência e que indicava no seu acento e inflexão o próprio sentimento ao qual dava vazão; essa língua que em seu princípio não se distinguia do canto e da poesia era utilizada com o intuito de transmitir os sentimentos e posteriormente ideias e intenções. Tal linguagem, entretanto, acaba por se modificar no momento em que as sociedades particulares são estabelecidas, isso porque as línguas particulares, que são “seres morais”, refletem – como verificamos acima – as características do clima, do local e do modo de vida das pessoas que as instituíram.

Com o passar do tempo, o homem se afasta de suas origens ampliando suas ‘luzes’, mas corrompendo-se concomitantemente. Rousseau escreve no Capítulo V do *Ensaio*, que:

na medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada, substitui os sentimentos pelas ideias, não fala mais ao coração, mas à razão. Por isso mesmo, o acento se extingue e a articulação progride: a língua fica mais exata, mais clara, porém mais morosa, mais surda e mais fria.<sup>12</sup>

Tais ideias já se encontravam no esboço inicial do *Ensaio sobre a origem das línguas* que ora apresentamos, onde Rousseau afirma que:

---

<sup>11</sup> ROUSSEAU, *L'origine de la mélodie*. OC, V, p. 331.

<sup>12</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 384.

O estudo da filosofia e os progressos da razão, que conferiram mais perfeição, e um outro torneio à língua, lhe tiraram assim este tom vivo e apaixonado que havia lhe tornado tão cantante no princípio.<sup>13</sup>

Além disso, a linguagem vai se modificando em função das mudanças políticas ocorridas nos povos ao longo de sua história. O exemplo citado por Rousseau é o da Grécia que ao ser conquistada e posta a ferros “perdeu aquele fogo celeste que só aquece as almas livres e não encontrou mais para louvar seus tiranos, o tom sublime com o qual havia cantado seus heróis.”<sup>14</sup>

Segundo Rousseau, a linguagem, então, vai perdendo sua transparência e seu sentimento e segue o curso da civilização. Ou seja, corrompe-se com o passar do tempo. E todas as línguas acabam por “mudar de caráter e perder em força, ganhando em clareza na medida em que se desenvolvem”.<sup>15</sup> Além disso, o próprio homem, a partir do momento em que passa a adquirir novas ideias e desenvolver novas paixões, e, na medida em que suas necessidades se modificam, utiliza-se da linguagem a fim de convencer seus semelhantes a agirem de forma a lhe favorecer. A linguagem, que a princípio era utilizada para comunicar sentimentos e aproximar os indivíduos, torna-se com o passar do tempo instrumento de dominação e engodo.

Convém, atentarmos para a utilização dos termos *linguagem* e *línguas* em Rousseau. Tais termos, mesmo que por vezes sejam utilizados como sinônimos, possuem significados distintos na obra do autor. As descrições acerca da “linguagem” e principalmente do que por vezes Rousseau chama de “linguagem original”, comportam uma gama maior de elementos se comparadas com o que ele designa por línguas particulares. Esta “linguagem original” é apresentada como inarticulada, eivada de sentimento, energia, transparência, melodia e paixão, assemelhando-se mais ao canto, à poesia ou ao “grito da natureza” do que às línguas particulares convencionalmente instituídas e que primam pela clareza e pela lógica. Tal questão fica mais clara se tivermos presente que para Rousseau a linguagem deve sua origem preponderantemente às “paixões morais” e não ao raciocínio e ao entendimento.

Rousseau discorda de seus contemporâneos sobre o surgimento das primeiras línguas, bem como acerca de seu caráter e das motivações que levaram à sua instituição. Para ele, a origem das línguas está

nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera que arrancam as primeiras vozes.<sup>16</sup>

É por percebermos esta estreita vinculação estabelecida por Rousseau, entre a origem da linguagem, da música e da vida social, que nos dispomos a traduzir e apresentar este que

---

<sup>13</sup> ROUSSEAU, *L'origine de la mélodie*. OC, V, p. 338.

<sup>14</sup> ROUSSEAU, *L'origine de la mélodie*. OC, V, p. 338.

<sup>15</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 392.

<sup>16</sup> ROUSSEAU, *Essai sur l'origine des langues*. OC, V, p. 380.

pode ser considerado um esboço inicial daquilo que mais tarde será apresentado no *Ensaio sobre a origem das línguas*, onde faltam, porém, inúmeras passagens presentes em *A origem da melodia* e que podem nos ajudar a compreender melhor a teoria político-linguística de Rousseau.

Já o segundo texto, intitula-se: *Sobre a eloquência*, e faz parte do conjunto de escritos agrupados sob o título *Mélanges de Littérature et de Morale*, no Tomo II das obras completas de Rousseau<sup>17</sup>. O fragmento em questão, foi escrito provavelmente no ano de 1735, segundo afirmam os especialistas em cronologia rousseauista. Trata-se de um escrito bastante curto, um fragmento apenas, cujo original encontra-se depositado na biblioteca de Genebra. Entretanto, ele merece atenção, sobretudo, daqueles que se interessam pelos escritos de Rousseau concernentes à Linguagem e à Política.

Chama a atenção, o fato de que este fragmento, escrito pelo menos 15 anos antes de Rousseau adentrar efetivamente o mundo das letras; e mais ainda, da época em que o autor elaborará o que poderíamos chamar de sua teoria da linguagem – já evidencie e adiante alguns dos temas centrais acerca da intrincada relação existente entre o uso público da linguagem (ou da retórica) e suas vinculações com os rumos da política e da moral. Dentre os temas presentes (ainda que de forma embrionária) em *Sobre a eloquência*, destacamos: a reprovação de um estilo de linguagem ‘florido e efeminado’ que será examinado de forma mais detalhada na *Nova Heloísa*, por ocasião da crítica aos costumes e ao estilo de linguagem utilizados nos salões da Paris do século XVIII. E, além disso, a necessária vinculação entre a palavra e a ação ou entre o dizer e o fazer, – exigência para todo aquele que queira ser considerado ‘homem de bem’ – que será apresentada no *Emílio*, já se faz presente nesse primeiro esboço realizado pelo autor, ainda na aurora de sua vida literária.

De maneira geral, gostaríamos de observar que *Sobre a eloquência*, nos apresenta um autor que desde muito cedo, vai buscar inspiração nos estudos referentes à retórica e aos costumes. Inspiração esta que nos lembra também de sua dívida para com os autores da antiguidade, como Sêneca, por exemplo. Sêneca, que foi lido e inclusive traduzido por Rousseau, desenvolve na carta CXIV a Lucílio, intitulada *A corrupção do estilo nasce da corrupção dos costumes*, uma temática bastante próxima daquela apresentada por Rousseau no fragmento *Sobre a eloquência*. Vejamos algumas passagens da referida carta que encontram eco no fragmento de Rousseau:

Por que, perguntas-me, o estilo se corrompeu em algumas épocas? Como o talento pôde cair em alguns exageros, pondo na moda ora a empolgação e a difusão, ora o ritmo cantante que quebra a continuidade do discurso? Por que apreciamos às vezes os julgamentos ousados e suspeitos, às vezes as sentenças lacônicas e sibilinas, incompreensíveis quando são ouvidas pela primeira vez?<sup>18</sup>

Impossível não ver nessa frase inicial da carta de Sêneca uma correspondência com o início do fragmento do autor genebrino. E ao final do primeiro parágrafo, Sêneca cita a

---

<sup>17</sup> ROUSSEAU, *Sur l'éloquence*. OC, II, p. 1241.

<sup>18</sup> SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, CXIV, p. 65.

máxima que ele diz ser comum entre os gregos: “Tal estilo, tais costumes!”. Bastante próxima será a frase rousseauniana: “Tal foi a vida de um homem, tais foram os seus discursos”. Para finalizar citemos ainda esta outra frase do autor latino, que vincula, assim como fará Rousseau, a degeneração dos costumes à degeneração do estilo da linguagem: “Quando a constituição está em perigo e o Estado se entrega às volúpias, a moleza do estilo é o sinal da relaxação geral...”.<sup>19</sup>

Estes elementos, que apresentam de forma nítida a dívida de Rousseau para com os oradores e moralistas da antiguidade, servirão de subsídio para a construção de sua teoria da linguagem e da política que aparecerá de forma mais bem acabada na *Nova Heloísa* (1761), no *Emílio* (1762) e em seu *Ensaio sobre a origem das línguas* (publicado pela primeira vez em 1781, três anos após a morte do autor) e evidenciam o fato de que Rousseau, desde muito cedo sente a necessidade de pensar a questão da linguagem, e sobretudo da retórica, como instrumentos indispensáveis para a compreensão de temas da moral e da política. Feita a apresentação, passemos aos textos.

## MUSIC, LANGUAGE AND NATION. INTRODUCTION TO THE TEXTS “THE ORIGIN OF MELODY” AND “ON ELOQUENCE”, BY JEAN- JACQUES ROUSSEAU

Abstract: This paper is an introduction to our translation of two texts by Rousseau. These texts are different in size and importance, but both can help us understand the link between the questions concerning language (and languages) and the question of morals and politics in the works of the ‘citizen of Geneva’. The first text to be presented is *The origin of melody*. It is a first draft of what would become the *Essay concerning the origin of languages*. The second is titled *On eloquence*, and is part of the ensemble grouped under the title *Mélanges de Littérature et de Morale*, which is in the Tome II of Pléiade’s complete works by Rousseau.

Keywords: Rousseau – language – eloquence – politics.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAGNEBIN, Bernard. Introduction aux *Écrits sur la musique, la langue et le théâtre*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Œuvres complètes*. Volume V. Paris: Éditions Gallimard, 1995, p. XIII-XXIX.

PRADO JR., Bento. “Jean-Jacques Rousseau entre as flores e as palavras”. *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio*, São Paulo, n. 8, 1978, p. 25-31.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Œuvres complètes*, I, II, III, IV e V. Paris: Éditions Gallimard, 1964-1995.

---

<sup>19</sup> SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, CXIV, p. 65.

SÊNECA. Carta CXIV a Lucílio. In: *As Relações Humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. Tradução do francês por Renata Maria Parreira Cordeiro. 2. ed. São Paulo: Landy Editora, 2007.

TROUSSON, Raymond et HEIGELDINGER, Frédéric (Orgs). *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Honoré Champion, 2006.